

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA NAS CRIANÇAS

Taís Turaça Arantes (UERJ)

taistania@gmail.com

Hugo Augusto Turaça Leandro (UFMS)

Jéssica Rabelo Nascimento (UFMS)

Thays Baniski Teixeira (UFMS)

RESUMO

As histórias em quadrinhos durante um longo período foram estigmatizadas como uma leitura sem validade por conter imagens em seu percurso narrativo. Contudo, devido a gama de estudos sobre o assunto é demonstrado ao contrário. O conceito de que essa leitura em nada ajuda as crianças é errôneo, pois há dois códigos que atuam nas histórias em quadrinhos: o visual e o verbal, que faz o leitor compreender a interação dos dois códigos para uma leitura plena do quadrinho. Por isso o presente trabalho explana um pouco sobre a utilização desse rico material em sala de aula como auxílio no processo de leitura e escrita.

Palavras-chave:

E escrita. Leitura. Histórias em quadrinhos.

1. Introdução

Iremos apresentar aqui o recorte feito para a questão do desenvolvimento da leitura e escrita das crianças por meio das histórias em quadrinhos. Demonstrando como essa comunicação de massa pode ajudar no desenvolvimento de aprendizagem da criança. Tudo com a intenção de justificar, mais uma vez, que os quadrinhos são de grande validade para estimular a leitura e a escrita. Uma vez que os mesmos são colocados de lado por muitos educadores por acreditarem que esse material em nada ajuda no aprendizado.

Ressalta-se que o recorte é feito para os professores que estão lecionando para as crianças em processo de alfabetização e letramento e que se encontram na Educação Infantil. Para tanto iremos partir do próprio Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, que diz:

A aprendizagem da linguagem oral e escrita é um dos elementos importantes para as crianças ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais. O trabalho com a linguagem se constitui um dos eixos básicos na educação infantil, dada sua importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na ori-

entação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento. (BRASIL, 1998, V3, p. 117)

Dessa forma, percebemos a importância do conhecimento para o desenvolvimento do sujeito e que de nenhuma maneira deve ser restrigido, independente de sua faixa etária, ano e etc. Se buscamos a criticidade nas crianças, alunos e escolas, não será podendo ou dizendo o que lhes é permitido aprender que iremos alcançar tal feito. Ou seja, contribuir para esse crescimento do aprender no percurso das crianças é algo de extremo valor para o docente, e nada mais interessante do que fazer isso com um material que traz prazer para os educandos.

2. *As histórias em quadrinhos*

Atualmente há inúmeras opções de leitura para se trabalhar com as crianças em sala de aula, desde de livros de pano aos ilustrados. Cabe aos professores selecionarem o tipo de material que irá adotar dentro da sala de aula. Assim, os quadrinhos se apresentam como uma fonte inesgotável de possibilidades de ensino, visto que possui uma sequência visual e a linguagem escrita. Colocar esse tipo de leitura como algo negativo já não cabe mais, pois existe uma grande diversidade de estudos que mostram o quão os quadrinhos podem ser de grande auxílio para os professores no âmbito escolar.

Por muito tempo, as histórias em quadrinhos foram objetos de fortes críticas e rejeição, tanto por parte dos professores, quanto dos pais dos alunos, por acreditarem que a brevidade dos textos promovesse o afastamento das crianças da leitura e dos livros de literatura infantil. Aos poucos, entretanto, foram sendo incluídas nos livros didáticos, chegando hoje a ser utilizadas em diferentes áreas para o ensino de diversos conteúdos. (VARGAS; MAGALHÃES, 2011, p. 127)

Vargas e Magalhães nos dizem um pouco desse preconceito de pais e professores contra a nona arte, de como era distorcida as opiniões sobre os quadrinhos. Sendo que os argumentos em que se pautavam antigamente já não possuem validade, pois já é mais do que comprovado que os quadrinhos em sua forma de arte sequencial e sua linguagem auxiliam as crianças.

[...] nota-se que as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal. Cada um desses ocupa, dentro dos quadrinhos, um papel especial, reforçando um ao outro e garantindo que a mensagem seja entendida em plenitude. Alguns elementos da mensagem são passados exclusi-

vamente pelo texto, outros têm na linguagem pictória a sua fonte de transmissão. (VERGUEIRO, 2005, p. 31)

As crianças aprendem a “ler” tudo o que as cercam, elas entendem o conjunto de regras presentes a sua volta, ou seja, elas conseguem entender que a história se desenvolve quadro a quadro. Olhar para as imagens e fazer a relação com narrativa é algo simples e cheio de prazer para elas. Os códigos visuais e verbais atuam em interação, a criança lê a narrativa e explora as imagens. Isso nos atenta ao fato de que o processo da aprendizagem da aquisição da escrita deve ser compreendido em sua totalidade, nesse aspecto o desenho tem um papel importante. A criança cria o desenho e depois nomeia-o. Assim como ela olha para os mesmos ela consegue interpretá-lo. E quando se diz sobre a leitura, a fácil linguagem ajuda na forma como se compreende o conjunto de informações presentes nos quadros.

Por isso é necessário ficar atento quanto as formas dos quadrinhos, pois os formatos das histórias em quadrinhos também influenciam na maneira como elas podem ser lidas. Ou seja, cada quadrinho tem sua própria forma de leitura e compreensão, por exemplo, as tiras de quadrinhos, normalmente humorísticas, desenvolvem uma história curta apresentada em uma ou, no máximo, seis vinhetas. Há uma situação inicial e uma reversão das expectativas do leitor (presente no texto ou na imagem), gerando o efeito cômico (SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p.85).

Os formatos das histórias em quadrinhos influenciam na forma de leitura devido a sua construção de quadros e temas, a própria questão dos espaços em brancos tem o seu valor no processo de entendimento da narrativa do quadrinho. Porque esse espaço “vazio”, em branco, entre um quadrinho e outro faz com o que a criança imagine os acontecidos. Por exemplo, um herói vai abrir a porta; sua mão dirige-se para a maçaneta. No quadro seguinte está correndo pelas ruas. Foi preciso que o leitor preenchesse com sua imaginação a falta dos seguintes movimentos - o personagem abre a porta, sai, a porta bate, ele começa a correr - para que houvesse coerência entre os dois quadros (KLAWA; COHEN, 1970, p. 110-111).

Com isso compreendemos o motivo pelo qual os quadrinhos já estão inclusos nos livros didáticos, sem estarem restritos as aulas de gramática, ou seja, estão presentes em diversas áreas, não é incomum ver tirinhas presentes nos livros de geografia e história, por exemplo. Mas é claro que nos atentamos ao fato de como os professores e pais utilizam esse material, uma vez que qualquer obra que não seja bem explorada

para as necessidades de aprendizagem do aluno de nada valerá para seu estudo. No próximo tópico iremos abordar a relação das crianças com os quadrinhos.

3. *A criança e a história em quadrinhos*

Porque os quadrinhos chamam tanto a atenção das crianças? Porque elas pedem para seus pais que os comprem? Porque elas adoram ver seus heróis saírem das páginas e irem para as telas? Essas perguntas estão ligadas ao fato do próprio formato que as histórias em quadrinhos possuem, a imagem chama a atenção da criança e faz com que a mesma se interesse. Faz-se, assim, uma profunda relação da criança com a nona arte. Elas buscam saber de suas histórias favoritas por causa da interação que possuem com os mesmos. As cores, as imagens e a escrita fazem com que esse contato fique mais íntimo.

Os códigos visuais e verbais são de grandes relevâncias para os discentes. Sobre o desenho a criança tem uma relação intrínseca com ele, pois todas elas desenham, seja com lápis sobre o papel ou com giz em uma parede. Com o passar do tempo ela tenta reproduzir aquilo que a cerca por meio da imitação, por exemplo, ao ver seus parentes próximos escrevendo ou desenhando.

[...] as crianças menores tendem a nomear seus desenhos somente após realizá-los e vê-los. A decisão do que serão é assim, posterior à atividade. Uma criança um pouco mais velha nomeia o seu desenho quando este já está quase pronto, e, mais tarde geralmente decidem previamente o que desenharão. Nesse caso, a fala é anterior a atividade e, portanto, dirige a ação. Quando a fala se desloca para o início da atividade, uma nova relação entre a fala e a ação se estabelece. (REGO, 1995, p. 68)

Compreendemos que dentro desse percurso do aprendizado da não é simplesmente a leitura e escrita, mas sim, todo o seu processo, por isso o desenho é de grande valia. O desenho é um essencial fator para a apropriação da linguagem escrita. Dessa forma o desenho não deve ser oferecido somente como um artifício para ocupar o tempo, pois, suas capacidades vão muito além do simples fato de riscar papeis ou paredes, ou seja, a simples questão de quando e como nomear seu desenho, demonstra o quão importante é essa linguagem, pois está a especificar a complexidade das funções psicológicas superiores.

Quando a criança chega a conclusão de que seu desenho precisa de um nome, demonstra o interesse da criança com a linguagem escrita e

a preocupação da mesma quanto ao que ela está desenhando, ela reconhece que o seu desenho é o mesmo do início e mesmo que ela troque os nomes ele continua sendo mesmo, ou seja, uma criança que nomeia seu desenho agora como sendo um “cavalo”, depois poderá chamá-lo de qualquer outro animal, todavia o que fica claro é o contato que está a ter com a leitura e escrita.

Mas qual é essa relação de criar o desenho com os códigos visuais dos quadrinhos? A resposta é bem simples, as crianças conseguem ler as imagens/desenhos das histórias em quadrinhos, elas compreendem que as sequências pictóricas fazem parte do fluxo narrativo.

Logo, os quadrinhos também podem ser utilizados na Educação Infantil, pois as crianças entendem que é uma história por meio da sequência dos quadros, elas conseguem olhar para as imagens e terem essa percepção. A imagem tem seu o valor, ou seja, a imagem desenhada é o elemento básico nas histórias em quadrinhos. Ela se apresenta como uma sequência de quadros que trazem uma mensagem ao leitor [...] Sua menor unidade narrativa será o quadrinho ou a vinheta. A sucessão de vinhetas será, no mundo ocidental, organizado no sentido da leitura do texto escrito, ou seja, do alto para baixo e da esquerda para a direita (nos países asiáticos, essa representação ocorrerá da direita para a esquerda, acompanhando a leitura da escrita japonesa e chinesa, por exemplo), o que permitirá o entendimento da mensagem (VERGUEIRO, 2005, p. 33).

Agora sobre o código verbal dos quadrinhos temos o balão que é um dos recursos mais característicos da linguagem das histórias em quadrinhos. É usado para indicar a fala e o pensamento das personagens (RAMOS, 2011, p. 80). Temos também a questão dos limites dos quadros e as formas como eles aspectos literários (ação, enredo, personagens) e lingüísticos (gramática, sintaxe, diálogos). (RAMOS, 2011, p. 02).

Em suma, a grandeza dos recursos do mundo dos quadrinhos expande sua utilização dentro da sala de aula com as crianças. A afinidade que elas possuem com esse tipo de material, muito ajuda nessa utilização.

4. Leitura, escrita e as histórias em quadrinhos

Vimos até agora como os dois códigos das histórias em quadrinhos auxiliam no processo de leitura e escrita, pois essa interação em que atuam demonstram a arte sequencial como uma forma de leitura para as crianças. A própria questão de se observar o enquadramento dos dese-

nhos que estão na sequência narrativa é uma forma de leitura. Pois nas histórias em quadrinhos, existem na verdade dois quadrinhos nesse sentido: a página total, que pode conter vários quadrinhos, e o quadrinho em si, dentro do qual se desenrola a ação narrativa. Eles são o dispositivo de controle da arte sequencial (EISNER, 1999, p. 41).



(Figura 1: Cascão e Cebolinha)

Observamos na tirinha acima que a leitura pode ser realizada mesmo sem a utilização da escrita. A criança compreende que há uma história sendo apresentada a ela pela sequência dos quadros. Ela consegue visualizar que Cascão se machucou e que se pode pensar que Cebolinha iria fazer um curativo no machucado, mas ao invés disso, Cebolinha simplesmente tampou a boca do amigo. Isso é uma das inúmeras alternativas que as histórias em quadrinhos permitem para aqueles que estão em processo de alfabetização e letramento. Essa questão de se conseguir ler a história somente pelo código pictórico ajuda as crianças na percepção de sequência narrativa.

Como já dito anteriormente, a criança “lê” o mundo ao seu redor, ela percebe aquilo que a cerca, então, colocar ela em contato com esse tipo de leitura proporciona a mesma uma nova forma de percepção. Posterior a esse contato, quando a criança estiver nos seus primeiros passos de escrita, é interessante lhe apresentar outras formas de quadrinhos, vejamos abaixo uma delas:



(Figura 2: Cebolinha)

Na tirinha acima vemos que no primeiro quadro Cebolinha começou a tocar uma música, além da imagem temos a presença da onomatopéia, no segundo temos a continuidade da presença da imagem e a escrita, já no terceiro nos deparamos somente com a imagem, na qual a cobra está indo embora.

Sabemos que a leitura é formada por inúmeros processos interdependentes, em outras palavras, a leitura está ligada a compreensão e a escrita com a produção. Enquanto a leitura tem seu início na assimilação do visual ao som e a escrita com os segmentos fonológicos, que são ligados com as letras, ou seja, a primeira é a codificação e a segunda a decodificação.

Maranh (2011, p. 139) nos diz que no momento em que a criança consegue analisar as palavras em unidades ortográficas grupos de letras e morfemas – sem realizar a conversão fonológica, podemos considerar que ela se encontra na fase ortográfica, pois estas unidades já estão armazenadas no léxico. A criança realiza a leitura e a escrita de palavras, não somente regulares, mas também irregulares, de forma automática. Podemos simplificar afirmando que, neste estágio, temos uma fusão da fase logográfica (reconhecimento instantâneo) com a fase alfabética (habilidade de análise sequencial).

5. Conclusão

Vimos que as histórias em quadrinhos possuem uma ótima conexão com as crianças, da mesma forma que se configuram como um recurso didático para os professores, para corroborar com esse pensamento evoca-se Feijó (2010, p. 135) que nos explica que as boas adaptações literárias são ótimas escolhas como portas de entradas para o caminho labiríntico da leitura, sendo assim, essa premissa também se aplica a histórias em quadrinhos.

Quando se trata do período de alfabetização e letramento precisamos ter em mente que logo passada essa fase começa outra, que tanto vem sendo um desafio para a escola e para os professores, que é: formar leitores. Dessa forma, a proposta de apresentar as histórias em quadrinhos como uma ponte nesse processo de leitura, e conseqüentemente da escrita, está atrelada ao fato de com o passar do tempo a aplicação das atividades relacionadas com os quadrinhos, podem auxiliar as crianças a

começarem a preencher as lacunas das histórias, despertando assim o seu senso crítico e interpretativo do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*. Brasília: MEC, 1998.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FEIJÓ, Mário. *O prazer da leitura: como a adaptação de clássicos ajuda a formar leitores*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2010.

KLAWA, Laonte; COHEN, Haron. Os quadrinhos e a comunicação de massa. In: MOYA, Álvaro. *Shazam!*. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 103-14

MARANHE, Elisandra André. Uma visão sobre a aquisição da leitura e da escrita. In: *Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos/Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 138-48

RAMOS, Paulo. Recurso de oralidade nos quadrinhos. In: ELIAS, Vanda Maria. *Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 79-101

RAMOS, Rubem Borges Teixeira. A formação da identidade dos leitores na leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis. In: *II Jornada de Estudos sobre Romances Gráficos*, 2011, Brasília-DF. Anais da II Jornada de Estudos sobre Romances Gráficos 2011. p. 1-20

REGO, Tereza Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 17. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SANTOS, Roberto Elísio dos.; VERGUEIRO, Waldomiro. *Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática*. EccoS - Rev. Cient., São Paulo, n.27, p. 81-95. jan/abr. 2012.

SILVA, Nadilson M. da. Elementos para a análise das histórias em quadrinhos. In: *INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação - Campo Grande /MS - setembro 2001. p. 1-15

VARGAS, Suzana Lima.; MAGALHÃES, Luciane Manera. *O gênero tirinhas: uma proposta de sequência didática*. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 119-43, mar. / ago. 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: BARBOSA, Alexandre. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 31-64